

## PRINCÍPIOS BÍBLICOS PARA A PRÁTICA DE PEQUENOS GRUPOS

Jolivê Rodrigues Chaves

Doutor em World Mission pela Andrews University, EUA. Diretor e Docente na Seminário Adventista Latino-americano de Teologia - Faculdade Adventista da Bahia.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5684-2333>

E-mail: [jolive.chaves@adventista.edu.br](mailto:jolive.chaves@adventista.edu.br)

### RESUMO

Os Pequenos Grupos (PGs) têm tido uma forte ênfase no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) Sul-Americana, especialmente nos últimos anos. Do ponto de vista prático, os PGs têm se mostrado um instrumento valioso e útil para a evangelização, bem como para o cuidado dos membros, mas poucos trabalhos foram publicados na região, objetivando mostrar a sustentação dos mesmos como prática bíblica. A Fundamentação teológica para os PGs é algo relevante, pois sem uma teologia bíblica nenhuma atividade da Igreja se mostra viável. Por outro lado, isto não é algo fácil, por não termos um explícito modelo bíblico de PGs, organizado e sistematizado como atualmente. O objetivo deste artigo é demonstrar que há princípios bíblicos, tanto no AT como no NT aplicáveis ao ministério dos PGs, conforme a prática atual no contexto da IASD, e fazer um breve estudo de quatro destes princípios, com base nas conclusões de biblistas e missiólogos que já estudaram o tema.

**Palavras-chave:** Pequenos Grupos. Igrejas-do-Lar. Evangelização.

### ABSTRACT

The Small Groups (SGs) have had a strong emphasis on the context of the Seventh Day Adventist Church (SDA) South American, especially in recent years. From a practical standpoint, the SGs have been shown to be a valuable and useful instrument for evangelism, as well as for the care of members, but few studies have been published in the region, aiming to show its support as biblical practice. The Theological Foundation for SGs is something relevant, because without a biblical theology no Church activity is validated. On the other hand, this is not easy, because we do not have an explicit biblical model of SGs, as currently organized and systematized. The purpose of this article is to demonstrate that there are biblical principles in both the OT and the NT applicable to the ministry of SGs, as the current practice in the context of the SDA, and make a brief study of four of these principles, based on the findings of scholars and missiologists who have studied the subject.

**Keywords:** Small Groups. Home-churches. Evangelization

## INTRODUÇÃO

Os pequenos grupos (PGs), no contexto Adventista do Sétimo Dia são reuniões de oração, estudo da Bíblia e testemunho em casas de famílias, envolvendo em média entre cinco e quinze pessoas. Os chamados PGs estão ligados a alguma congregação e funcionam como unidades integrantes da igreja mãe.

Embora a Igreja Adventista Sul-Americana tenha dado uma forte ênfase nos PGs nos últimos trinta anos, seu antecedente histórico remonta à década de 1970, quando Mário Veloso, então líder MV da Divisão Sul Americana da IASD, lançou as reuniões de “koinonia”, que, em sua essência, seguiam um formato similar ao dos PGs modernos (MOURA, 2009, p.135). Alberto Timm cita as Escolas Sabatinas Filiais, Unidades Evangelizadoras, Koinonias e o Projeto Pioneiro como precursores dos pequenos grupos (TIMM, 2009, p. 25-26).

Do ponto de vista prático, conforme Chaves (2009) os PGs têm se mostrado um instrumento valioso e útil para a evangelização, bem como para o cuidado dos membros em nosso território, mas, poucos trabalhos foram publicados no meio adventista sul americano objetivando mostrar a sustentação dos mesmos como prática bíblica.<sup>2</sup>

Em realidade, isto não é algo fácil, pois, não temos um explícito modelo bíblico de Pequenos Grupos, organizado e sistematizado como atualmente,<sup>3</sup> mas, é algo bastante pertinente, pois, como disse William Beckham, “Um movimento cristão não pode se sustentar a não ser que se defina teologicamente” (BECKHAM, 2007, p. 16).

Assim, acreditando que há princípios bíblicos, tanto no AT como no NT aplicáveis ao ministério dos Pequenos Grupos,<sup>4</sup> pretendemos fazer neste artigo um breve estudo de quatro destes princípios, com base nas conclusões de biblistas e missiólogos que já estudaram o tema.

### **1. O PRIMEIRO PRINCÍPIO SOBRE O QUAL O PG SE SUSTENTA, É A COMUNIDADE BÍBLICA**

A Bíblia é clara em dizer da existência de um único Deus (Mc 12:32; I Cor. 8:4,6; I Tim. 2:5; Tia. 2:19), que se manifesta na forma de três pessoas coeternas, Pai, Filho e Espírito Santo

(Mat. 28:19). Como disse Geisler, "há três pessoas em uma natureza, em uma essência" (GEIESLER, 2003, p. 836).

No primeiro verso da Bíblia "O Deus bíblico já em sua auto-revelação no Antigo Testamento se articula, age e se expressa em uma pluralidade de pessoas" (SOUZA, 2007, p. 16). Hasel (1975) explica que o termo hebraico utilizado para Deus no relato da criação (~yhil{a/}) é um plural que denota a plenitude de pessoas no seio da divindade. Ou seja, Deus em sua própria natureza vive em comunhão e este é o principal conceito usado para explicar a teologia de comunidade (BECKHAM, 2007, p. 16).

Essa ideia de pluralidade na Divindade é reforçada pela deliberação intradivina: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança" (Gen. 1:16). Da mesma forma, a interação e comunhão intradivina aparece no episódio da Torre de Babel: "Vinde, desçamos e confundamos ali a sua linguagem..."(Gen. 11:7).

Assim, o ser humano, criado à imagem de um Deus que vive em comunhão intradivina, também trás em sua própria natureza a necessidade de relacionar-se; necessidade esta, denominada por Donahue e Robinson (2003, p. 35) como "DNA relacional" e "Gene comunitário". Portanto, não é de admirar que o próprio Deus expressa a importância do relacionamento e da comunhão para o ser humano ao dizer: "Não é bom que o homem esteja só" (Gen. 2:18). Elias Brasil explica: "Era intenção de Deus que a comunhão intradivina, desfrutada no seio da divindade, fosse compartilhada pelas criaturas como um aspecto importante da imagem de Deus" (TORRES, 2007, p.17).

Há um elemento relacional na ordem criada, o que pode explicar, em nível ontológico, a necessidade humana de relacionamentos. Ao criar a terra, Deus ordenou que ela produzisse vegetação, que, por sua vez, devia se reproduzir. Aos animais, a ordem dada foi que se multiplicassem, enquanto que ao ser humano foi dito que ele deveria trazer à existência outras criaturas e encher a Terra. Portanto, sendo criado como parte de um sistema relacional, o ser humano só pode ser plenamente satisfeito, em seus anelos mais profundos, em um ambiente em que pode desenvolver relacionamentos saudáveis com Deus e com outras pessoas (SOUZA, 2011, p. 7-17).

Para Miguél Angel Cerna (1991), não podemos refletir plenamente a imagem de Deus se escolhermos viver isolados de nossos semelhantes. Para ele, o fato de o ser humano nascer em um

seio familiar em que suas necessidades básicas são supridas, é uma evidência de que todo filho espiritual de Deus ao nascer necessita de um ambiente de apoio e proteção que podem ser encontrados em um Pequeno Grupo relacional.

Isto nos remete à conclusão de Burrill de que um propósito da evangelização é restaurar a comunidade, e, neste caso, o pequeno grupo se torna um valioso aliado por proporcionar um ambiente favorável para o cumprimento desse objetivo (BURRIL, 2005).

Portanto, pode-se afirmar que o PG, com sua ênfase relacional, atua dentro do paradigma da criação e se fundamenta no princípio bíblico da comunidade. Ao estimular relacionamentos saudáveis e proporcionar aos seus membros um ambiente de convivência fraterna, marcado por companheirismo e solidariedade, o PG se torna um importante instrumento nos propósitos relacionais de Deus para os seres humanos.

## **2. O SEGUNDO PRINCÍPIO BÍBLICO SOB O QUAL O PG SE ESTRUTURA É O COMPARTILHAMENTO DA LIDERANÇA.**

Um exemplo bíblico clássico deste princípio se percebe no episódio da liderança de Moisés junto ao povo de Israel, no deserto, em direção à Canaã (Exo. 18: 13-20). O estilo de liderança centralizador que Moisés havia adotado estava sendo prejudicial para ele e para o povo. Ele liderava 603.550 homens; cerca de dois milhões de pessoas, incluindo mulheres e crianças (WHITE, 1990). O texto diz que o povo estava em pé diante de Moisés, desde a manhã até ao pôr-do-sol. Quando Jetro, seu sogro, lhe perguntou porque fazia tal coisa, Moisés justificou: “É porque o povo me vem a mim, para consultar a Deus” (v.15). A resposta do experiente ancião foi taxativa: “não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu, como este povo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não podes fazer” (vs.17-18).

Como resultado, Moisés estava exausto, não tinha tempo para sua família e as pessoas não estavam vivendo uma experiência de comunidade umas com as outras e com Deus. Ao contrário, os problemas entre elas se avolumavam e Moisés passava todo o dia buscando solucionar seus conflitos. Situação similar ocorre quando o pastor emprega todo o seu tempo ministrando aos seus membros e tentando assumir a maior parte das atividades da Igreja sozinho.

Isto trás como resultado uma igreja dependente do pastor, problemas de toda ordem entre os membros e frustração ministerial.

A solução de Jetro era simples: Moisés deveria usar um método mais eficiente de administrar justiça. Através de um sistemas de descentralização de autoridade ele deveria delegar a homens escolhidos a função judicial e de governo (DORNELES, 2011) . Isto deveria ir a tal nível, que ninguém estivesse fora da cobertura julgadora de um líder de um grupo de dez pessoas.

Ao que parece, Deus deu sua aprovação à sugestão de Jetro, pois Moisés aceitou o plano (Exo. 18:23). Para Cox (2000), o novo plano de administração descentralizada que Moisés adotou deve ter tornado o próprio acesso a Deus mais fácil para o povo. Kornfield e Araújo (2000, p. 35) ainda afirmam que “a primeira base de justiça no povo de Israel, eram os grupos pequenos de dez pessoas”.

Outras passagens do Antigo Testamento também reforçam a ideia de descentralizar tarefas e responsabilidades através da divisão do povo de Deus em grupos, para cumprir diversas responsabilidades relacionadas com o serviço. A exemplo disso, nas jornadas do povo de Deus em direção à Canaã, havia uma organização específica das tribos ao redor do santuário, e a grupos específicos foram confiadas as responsabilidades de transportar o santuário. Os coatitas eram responsáveis pelo transporte da mobília (Nm 4:1-20); os gersonitas, dos tecidos, cortinas e véus (Nm 4:21-28); e os meraritas , das tábuas, varais, colunas e bases do tabernáculo (Nm 4:29-33) (SOUZA, 2007).

Os pastores modernos, que à semelhança de Moisés estão sobrecarregados com tantas responsabilidades e desafios, verão sua liderança potencializada e resultados muito mais eficazes em seu ministério, adotando o plano de descentralização de liderança apontado por Jetro. Os pequenos grupos liderados por homens e mulheres maduros na fé e que tenham o dom do pastoreio cumprem esse papel de dividir com o pastor da igreja a carga da condução do povo de Deus, pois, como disse Burrill (1998, p. 99) “o propósito dos pequenos grupos é dar poder, dar o sacerdócio; descentralização significa dar o sacerdócio”.

Os pequenos grupos modernos são uma estratégia de liderança, uma forma de governo em que o pastor divide responsabilidades de pastoreio com líderes de sua confiança. Isto é fundamental, pois, assim como na experiência de Moisés, é impossível a um pastor sozinho cuidar do seu rebanho de forma satisfatória, especialmente no contexto Sul-Americano.<sup>7</sup>

Daí a importância de se investir na formação de liderança qualificada para os pequenos grupos. Moisés certamente teve muito trabalho para treinar e manter motivado o seu enorme grupo de líderes,<sup>8</sup> mas, a qualidade de vida de Moisés e do povo mudou radicalmente, mostrando que o desenvolvimento de liderança é fator determinante para uma administração eficaz (FARLEY, 2009).

Portanto, os pequenos grupos com o seu sistema de descentralização de tarefas cumprem o princípio bíblico do compartilhamento da liderança e se torna uma ferramenta efetiva para o cuidado dos membros e o canal para as estratégias missionárias e evangelizadoras da igreja (WHITE, 2006).

### **3. O TERCEIRO PRINCÍPIO BÍBLICO SOBRE O QUAL OS PEQUENOS GRUPOS SE FUNDAMENTAM É O USO DAS CASAS COMO AMBIENTE DE ADORAÇÃO E SERVIÇO (At. 12:12; 16:15, 40; Rom. 16:5; I Cor. 16:19; Col. 4:15; Fm 2)**

Na Igreja Adventista do Sétimo Dia, as casas são usadas como ambiente para o funcionamento dos pequenos grupos, classes bíblicas e outras formas de atividades espirituais, mas esse uso não tem a mesma configuração moderna das chamadas “Igrejas nos Lares”.<sup>9</sup> Embora os estudiosos defendam razões diferentes porque a Igreja Cristã Primitiva fazia uso das casas como local de adoração, existe por outro lado uma uniformidade entre eles quanto aos benefícios de tal prática.

Paroschi defende que os cristãos apostólicos continuaram reunindo-se no templo e nas sinagogas durante a maior parte do primeiro século. Porém, havia uma prática exclusiva à fé cristã, a Santa Ceia, que os forçava a reunir-se nos lares e, assim, diz ele, surgiram as igrejas-do-lar, mais como uma opção para as atividades distintamente cristãs, do que como alternativa cristã às sinagogas judaicas ou aos templos pagãos (PAROSCHI, 2011).

Por quatro ou cinco décadas após a ascensão de Jesus, os cristãos continuaram frequentando as sinagogas mutuamente com os judeus. Isso durou até que após a destruição do templo, no ano 70, os fariseus sobreviventes, na tentativa de reestruturar o judaísmo e reerguê-lo das cinzas, tomaram medidas radicais contra os cristãos, o que levou os dois movimentos, judeus e cristãos, a

seguirem caminhos distintos. Foi a partir dessa época que as igrejas-do-lar se estabeleceram definitivamente como os únicos locais de reunião e culto cristão (PAROSCHI, 2011).

Outra razão por que a igreja primitiva se reuniu nos lares, foi a perseguição religiosa imposta pelos imperadores romanos. Durante o governo de Nero<sup>10</sup>, imperador romano de 54-68 AD, foi estabelecido um decreto proibindo aos cristãos de construir igrejas e locais públicos de reunião. Os imperadores Domiciano (81-96 AD) e Trajano (98-117) mantiveram o decreto e empreenderam duras perseguições aos cristãos (SHAFF, 1959).

Chama a atenção, o grande crescimento vivido pela igreja durante esse período de perseguição e reuniões nos lares. Simson cita uma carta de Diogneto escrita no final do século II, na qual ele diz: “O número de cristãos aumenta diariamente”. Cita ainda a informação de Orígenes registrada na metade do III século: “As massas estão aceitando a fé”. Menciona também uma estimativa feita pelo historiador Ramsay MacMullen segundo a qual, em cada geração, 500.000 pessoas se tornaram cristãs e até o ano 312, os cristãos representavam de 5 a 8% da população do Império Romano (SIMON, 2011, p. 63). Estima-se, de acordo com Beckham (2007) que no terceiro século, somente no império romano viviam cerca de seis milhões de cristãos.

Paroschi (2011, p. 369) diz:

No período de maior crescimento da igreja, período esse que se estendeu até o início do quarto século, as igrejas-do-lar, com no máximo algumas dezenas de membros, foram o instrumento mais eficiente para manter a igreja unida, fervorosa e dinâmica naquele que, talvez, tenha sido o período mais difícil de sua história.

Em outros períodos da história, essa mesma combinação de intolerância para com a fé cristã por parte das autoridades e a necessidade de reunir-se nos lares resultou em surpreendente crescimento.

Em 1982, quando os comunistas assumiram o governo da Etiópia e começaram uma perseguição aos cristãos, os menonitas eram cerca de 5.000 fiéis nacionais nativos. Suas propriedades foram confiscadas e, não podendo reunir-se mais publicamente, a igreja tornou-se “subterrânea”. Reuniam-se nos lares, sem poder sequer cantar em voz alta para não serem denunciados às autoridades. Dez anos depois, em 1992, o comunismo foi destituído e os líderes menonitas ficaram surpresos quando descobriram que a igreja havia crescido de 5.000 para 50.000 membros no período (BECKHAM, 2007).

Algo similar aconteceu com o adventismo na China. Em 1949, os últimos missionários americanos haviam deixado a China e vieram os anos de silêncio, período em que o trabalho oficial da igreja deixou de existir no país. Em anos recentes, descobriu-se que os membros não apenas haviam sobrevivido, mas multiplicado e, durante a década de 1980, a Igreja Adventista cresceu de alguns milhares para 70.000 membros. Nas reuniões informais dos lares, eles encontraram força e encorajamento através do estudo da Bíblia, oração e testemunho (JOHNSON, 2000).

Uma pergunta que surge diante do crescimento da igreja dos lares durante o período de perseguição é: O que causou o crescimento foi a reunião nos lares ou foi a perseguição? Ou foi a combinação desses fatores? É difícil determinar a resposta exata, mas creio que isso não é tão importante. O que importa é o fato de que as reuniões de adoração nos lares têm sido uma prática bíblica com benefícios evidentes.

Constantino, que governou Roma de 306 a 337 AD, se converteu ao cristianismo em 312, e no ano seguinte anulou o decreto de Nero. Ele transformou o cristianismo na religião oficial do império e devolveu aos cristãos a liberdade de culto público. Ele mesmo patrocinou a construção de grandes catedrais (SHAFF, 1959).

Muitos autores entendem que, a partir desse momento, com a formalização do serviço religioso nas catedrais, a separação entre o clero e o laicato e o desaparecimento das reuniões nos lares, houve o enfraquecimento da vida espiritual e missionária dos membros (JOHNSON, 2000). Porém, é salutar a compreensão de Beckham (2007, p. 57) ao afirmar: “não foi a catedral que afetou a igreja; foi o que a proposta da catedral provocou para o contexto do grupo pequeno na igreja”.

Outros estudiosos do assunto acreditam que a igreja primitiva se reunia nos lares não apenas pelo impedimento de construir locais públicos de adoração, mas como uma opção viável para o cuidado dos membros e o cumprimento da missão (HADAWAY, WRIGHT, e DUBOSE, 1987). Embora essa afirmação não seja totalmente segura, é fato que tanto Jesus<sup>11</sup> como os apóstolos<sup>12</sup> utilizaram em grande medida os lares das pessoas como local de adoração e serviços espirituais.

Portanto, evidencia-se que as reuniões nos lares propiciam um ambiente fraterno, de cuidado mútuo, estudo da Bíblia, oração e testemunhos, que continuam sendo essenciais para o fortalecimento e crescimento da igreja de Deus.

A Igreja cristã, no período apostólico, bem como em outros períodos da história, é um exemplo de que podemos usar as casas para reuniões de cunho espiritual e missionário, seja em

tempos de liberdade ou perseguição. Sendo assim, os pequenos grupos, estruturados no princípio do uso das casas como ambiente de adoração e culto prestam um serviço de extremo valor para a fé e a missão cristã.

Paroschi (2011, p. 369) conclui: “Conquanto, por definição, os pequenos grupos de hoje e as igrejas-do-lar não sejam a mesma coisa, os vários pontos em comum entre ambos certamente autorizam o uso de um como modelo para o outro”.

#### **4. O QUARTO E ÚLTIMO PRINCÍPIO BÍBLICO A SER ANALISADO, SOBRE O QUAL OS PEQUENOS GRUPOS ESTÃO ESTRUTURADOS, É O DISCIPULADO (Mat. 28:16-29)13**

Jesus veio ao mundo com o objetivo de “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lc 19:10). Com a meta de conquistar o mundo para Deus, desde o ponto de vista humano, a maior parte do seu tempo deveria ser dedicada às multidões, afinal, seu ministério teria duração de apenas três anos e meio.

Porém, contrariando à lógica humana, embora estivesse preocupado com as multidões, a maior parte do tempo de Cristo foi dedicada a um grupo de doze homens a quem ele chamou de discípulos. “Designou doze para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3:14). Sua preocupação não era tanto as multidões, mas os homens a quem as multidões seguiriam após a sua partida. Dobahue e Robinson (2003, p. 39) afirmam que “Jesus seguiu o padrão divino de reunir poucos para transformar muitas vidas”.

Jesus sabia que para provocar impacto profundo e formar discípulos, não basta uma relação superficial ou no “estilo atacado”. Humberto Moura explica que não é de se surpreender que Ele juntasse Seus discípulos regularmente em uma casa para ensinar (Mc 3:20; 7:17; 9:28, 33; 10:10), pregar, curar (Mc 2:1-12) e comer com eles ( Mc 3:20; 14:12-21; At 1:4) (CHAVES, TIMM, 2011). Afinal, “um homem é chamado mathetes quando se vincula a outra pessoa a fim de adquirir seu conhecimento prático e teórico” (COENEN, BROWN, 2000, p. 581).

Alberto Timm (2009) denomina o processo da formação discipular de Jesus com os doze de ‘círculo apostólico’, classificando 5 etapas: mantinham comunhão com Cristo, socializavam-se uns com os outros, eram ensinados pelo Mestre, eram treinados para a missão, e participavam dos

esforços evangelísticos. Coleman (1987) chama o processo de “o plano mestre de evangelismo” de Jesus, no qual Ele se propôs ensinar, treinar e enviar os seus discípulos.

Após exemplificar pela própria metodologia como se forma um discípulo, Jesus deixou a grande comissão evangélica registrada nos quatro evangelhos (Mt 28:18-20; Mc 16:15,16; Lc 24:45-48; Jo 20:20-21).<sup>14</sup>

Bruno explica que dos quatro verbos que aparecem na grande comissão: Matthew 28:19 *poreuqe,ntej* (indo), Matthew 28:19 *bapti,zontej* (batizando), Matthew 28:20 *dida,skontej* (ensinando) e Matthew 28:19 *maqhteu,sate* (fazer discípulos), os três primeiros estão no particípio e, portanto, estão subordinados ao último, que aparece no imperativo aoristo grego. Isto significa que fazer discípulos é o foco e único imperativo na comissão evangélica, o centro da missão (RASO, 2011).

Para Burril (2006, p. 22), “já que a grande comissão constitui a razão para a existência da igreja” e o imperativo da comissão é o discipulado, a metodologia discipular de Jesus deve ser o nosso modelo. Jesus mostrou que o pequeno grupo é fundamental para a formação de discípulos.

Para Cox (2000, p. 97), “o objetivo primário do ministério de um pequeno grupo é fazer discípulos cristãos”, por ser o ambiente propício para a transmissão de conhecimento teórico/prático, além de fornecer o apoio e a convivência, que são essenciais no processo de discipulado. Portanto, tendo em sua essência a vocação para a formação de discípulos, os pequenos grupos estão estruturados sobre esse importante princípio bíblico, que é a razão de ser da igreja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não encontremos no Novo Testamento uma cláusula normativa que determine a prática dos pequenos grupos, ou não haja evidências de que as igrejas-do-lar no tempo apostólico tenham se originado como resultado de uma ordem ou recomendação divina, tanto Jesus, como os apóstolos, praticaram uma experiência de grupo, similar ao que a igreja pratica hoje.

Diante das evidências apresentadas, pode-se afirmar que o PG, com sua ênfase relacional, atua dentro do paradigma da criação e se fundamenta no princípio bíblico da comunidade. Além disso, com o seu sistema de descentralização de tarefas, o PG cumpre o princípio bíblico do

CHAVES, J. R. Princípios bíblicos para a prática de pequenos grupos. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 18, número 2, e-1696, 2022.

compartilhamento da liderança e se torna uma ferramenta efetiva para o cuidado dos membros e a evangelização.

Evidencia-se também que os PGs, estruturados no princípio do uso das casas como ambiente de adoração e culto prestam um serviço de extremo valor para a fé e a missão cristã.

E, por fim, tendo em sua essência a vocação para a formação de discípulos, os pequenos grupos estão estruturados sobre esse importante princípio bíblico, que é a razão de ser da igreja. Outrossim, a própria história se encarrega de mostrar a importância dos pequenos grupos no cumprimento do plano de Deus, no decurso do tempo, seja em época de perseguição ou de liberdade.

Conclui-se, então, que as reuniões de pequenos grupos nos lares, conforme tem sido a prática da IASD, não são apenas circunstanciais ou algo incidental. Elas estão ancoradas nos princípios bíblicos e, portanto, no assim diz o Senhor.

## **REFERÊNCIAS**

BECKHAM, Wiliam. A segunda reforma. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2007.

BURRILL, Russell. Como reavivar a igreja do século 21: o poder transformador dos pequenos grupos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

BURRILL, Russell. Recovering an adventist approach to the life e mission of local church. Fallbrook, California: Hart Books, 1998.

BURRILL, Russell. Discípulos modernos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

CERNA, Miguel Angel. El poder de los grupos pequeños en la iglesia. Newbury Park, CA: Publicaciones El Camino, 1991.

CHAVES, Jolivé R. Revista do Ancião, julho /setembro, p. 23-25, 2009.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLEMAN, Robert E. O plano mestre de evangelismo. São Paulo: Mundo Cristão, 1987.

COX, David. Pense em grande, pense em grupos pequenos. Almargem do Bispo, Portugal: Publicadora Atlântico, S.A., 2000.

DONAHUE, Bill; ROBINSON, Russ. Edificando uma igreja de pequenos

CHAVES, J. R. Princípios bíblicos para a prática de pequenos grupos. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 18, número 2, e-1696, 2022.

grupos. São Paulo: Editora Vida, 2003.

EARLEY, Dave. Transformando membros em líderes. Curitiba, PR: Ministério Igrejas em Células, 2009.

DORNELES, Vanderlei. Comentário bíblico adventista do sétimo dia. Vol. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

GEISLER, Norman. Enciclopédia de apologética. São Paulo: Editora Vida, 2003.

HADAWAY, Kirk; WRIGHT, Stuart A.; DUBOSE, Francis M. Home cell group and house churches. Nashville, TN: Broadman Press, 1987.

HASEL, Gerhard. The meaning of “let us” in Gen. 1:26. Andrews University Seminary Studies, n. 13 p. 58-66, 1975.

JOHNSON, Kurt W. Pequenos grupos para o tempo do fim. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

KORNFELD, David; ARAÚJO, Gedimar. Implantando grupos familiares. São Paulo: Editora SEPAL, 2000.

MOURA, José Umberto. Pequenos grupos: uma fundamentação bíblica, teológica e histórica desde uma perspectiva da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Artur Nogueira, SP: SALT/UNASP, 2009.

PAROSCHI, Wilson. Os pequenos grupos e a hermenêutica: evidências bíblicas e históricas em perspectivas. In: SOUZA, Elias Brasil. Teologia e metodologia da missão. Cachoeira, BA: Centro de Pesquisa de literatura Bíblica, 2011.

RASO, Bruno Alberto. Hacer discipulos: mandato y recomendaciones. In: SOUZA, Elias Brasil. Teologia e metodologia da missão. Cachoeira, BA: Centro de Pesquisa de literatura Bíblica, 2011.

SHAFF, Philip. History of the christian church. Grand Rapids: Eerdman Pub. Co., 1959, vol. 1.

SIMSON, Wolfgang. Casas que transformam o mundo. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2001.

SOUZA, Elias Brasil. In: TORRES, Milton. Pequenos grupos: grandes soluções. Cachoeira, BA: Centro de Pesquisa de literatura Bíblica, 2007.

TIMM, Alberto R. Ministério, janeiro/fevereiro, p. 25-26, 2009.

TIMM, Alberto R. Comunhão e Missão. Revista do Ancião, julho/setembro, p. 10, 2009.

CHAVES, J. R. Princípios bíblicos para a prática de pequenos grupos. **Práxis Teológica (Ahead Of Print)**, volume 18, número 2, e-1696, 2022.

WHITE, Ellen G. Patriarcas e profetas. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990.

WHITE, Ellen G. Testemunhos para a igreja. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2006, vol. 7.